

Cultura impressa protestante no Oitocentos: um diálogo luso-brasileiro

Karla Janaina Costa Cruz

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente trabalho pretende verificar a forma como alguns tipos de impressos evangélicos editados em Portugal, especialmente através da Livraria Evangélica (significativo órgão publicador veiculado à Sociedade Bíblica Britânica), foram dados a circular no Brasil oitocentista, o que favoreceu um intercâmbio luso-brasileiro no âmbito da literatura religiosa. Para isso, apresenta-se como referencial teórico os pressupostos da História Cultural e mais propriamente os conceitos de estratégia e tática (Michel D’Certeau), além da tríade representação, prática e apropriação (Roger Chartier).

Palavras-chaves: imprensa; protestantismo; história da leitura.

Abstract

The current piece of research intends to verify how some kinds of gospel printed papers, edited in Portugal, specially through the Livraria Evangélica (Gospel Bookstore – meaningful publishing agency linked to the British Biblical Society), were meant to circulate in the 1800s, in Brazil, favoring thus a Brazilian-Portuguese interchange in the religious literature scope. For this reason, the fundamentals of the Cultural History are presented as theoretical reference, especially the concepts of *strategy* and *tactic* (Michel D’Certeau), in addition to the triad: representation, practice and appropriation formulated by Roger Chartier.

Keywords: printing, Protestantism; reading history.

O século XIX constituiu-se um período de grande efervescência cultural, religiosa e social provocando um intercâmbio de ideias e de escritos entre o Velho e o Novo Continente. Atentando para o panorama luso-brasileiro desse século, é possível perceber, para além dos altos índices de analfabetismo visíveis nas duas margens do Atlântico, o estabelecimento de redes de sociabilidade, tanto em Portugal quanto no Brasil. Por aqui, “o liberalismo do Império, tão pronto a reconhecer o mérito individual, era favorável aos recém-vindos” (FREYRE, 2008, p. 65) e isso se aplica aos protestantes que, por sua vez, valeram-se da imprensa para divulgar seus ideais propagandísticos, moralizantes e apologéticos.

Por esse tempo, escolas passam a ser erguidas ao lado das igrejas, como também tipografias nas mais diversas regiões, a fim de se disseminar uma cultura impressa evangélica. Publicações dos mais variados gêneros e suportes são organizadas

e destinadas a um público leitor diversificado quanto ao sexo, idade e classe social. Esses impressos circularam em ambas as margens, gerando um vínculo editorial facilitado pela língua comum.

De acordo com pesquisas realizadas no campo da cultura impressa no Brasil, é a partir da segunda metade do século XIX que o processo de produção, circulação, venda e disseminação de materiais impressos (a exemplo de livros, manuais práticos, compêndios, periódicos, trovas, almanaques, guias epistolares, folhetos de cordel, peça de teatro etc.) cresce de forma significativa, relacionado ao momento de popularização do livro (AL FAR, 2006, p.18). Consequentemente, uma nova organização do mercado de impressos – amparada por aspectos determinantes tais como baixos preços, diversificação de conteúdos, inovações técnicas, estratégias de divulgação, inserção de gravuras, entre outros – tornou-se elemento favorável para o acesso de um número maior e mais diversificado de pessoas a esse objeto cultural e seus usos.

Alessandra Al Far (2006, p. 18 e 19) esclarece que essa efervescência cultural “não tardou em atrair a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros [...] que trouxeram na bagagem uma bem-vinda experiência no campo de impressões e publicações”. O desenvolvimento do espaço urbano verificado, a princípio, na cidade do Rio de Janeiro, aliado à crescente necessidade de instrução, contribuiu para que um expressivo número de tipografias, editoras, mercadores ambulantes e livrarias espalhassem-se na cidade.

Essa configuração editorial ocorrida no campo laico pôde ser também observada no contexto cultural evangélico. A partir da terceira década do século XIX, a divulgação e circulação de impressos protestantes eram realizadas no Brasil por meio da atividade editorial da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS) e da Sociedade Bíblica Americana (ABS), fundadas em 1804 e 1816 respectivamente.

Os impressos protestantes em língua portuguesa elaborados pela BFBS foram, a princípio, também difundidos em Portugal, a julgar pelas duras críticas católicas à instituição encontradas na obra *Conversações familiares acerca do protestantismo actual* escrito por M. L. G. de Ségur, traduzidas de sua sétima edição francesa. Esta obra reflete o pensamento da Europa católica sobre a organização das sociedades bíblicas e a atividade desempenhada por essas na distribuição de impressos evangélicos. Conforme o autor, um “catholico mui piedoso” admirara-se de que o Papa “as [sociedades

bíblicas] houvesse solemnemente condenado e as tivesse apelidado PESTES” (SÉGUR, 1864, p. 121).

A grande maioria do material impresso evangélico possuía circulação garantida em solo brasileiro por meio do trabalho de colportagem de agentes das próprias sociedades bíblicas, de missionários e de representantes das denominações evangélicas históricas atuantes no país. Essas instituições prescreviam o percurso de comunicação de seus impressos, definindo os temas, os autores e os colportores.¹ Vale salientar que – apesar dos esforços iniciais de alguns missionários protestantes em atuação no Brasil para produzir literatura de cunho religioso – boa parcela da literatura evangélica consumida na segunda metade do Oitocentos brasileiro era proveniente do exterior. A julgar por alguns títulos editados e distribuídos pelos evangélicos no Brasil² é possível constatar que havia centros de produção localizados fora do país. Muitos dos títulos distribuídos pelos missionários haviam sido editados em Portugal, Estados Unidos e Grã-Bretanha.

É importante colocar que a prática de se recorrer a tipografias do outro lado do atlântico não era exclusiva dos protestantes, sendo, também, uma atividade comum entre os editores laicos. De acordo com Nelson Sodré (1977), as editoras brasileiras na segunda metade do Oitocentos mandavam imprimir no exterior em Portugal, na França etc. Para Hallewell (2005, p. 200), a razão para a preferência da produção europeia se justificava por fatores de ordem econômica: a confecção de livros e outros impressos na Europa e nos Estados Unidos apresentava menores custos e qualidade superior à produzida no Brasil.

Corroborando essa informação, dispomos de várias referências de livros e folhetos evangélicos em língua portuguesa, distribuídos no Brasil, porém editados no exterior, conforme ilustram as Figuras 1 e 2 a seguir.

¹ Os mascates carregavam sempre consigo uma sacola aberta ou cesta comprida a sua frente, pendurada no pescoço, contendo livros, almanaques e folhetos. Por isso, foram denominados pelos franceses de *colporteur* (NASCIMENTO, 2007, p. 30).

² Para o levantamento dos referidos títulos, recorremos a pesquisas desenvolvidas em centros de documentação protestantes: Arquivo Histórico Presbiteriano (Campo Belo, SP); Fundação Basileia (Campinas, SP); Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa (SP), Biblioteca Fernandes Braga (RJ).



Figura 1. Folheto protestante em circulação no Oitocentos brasileiro. Fonte: Arquivo documental da Fundação Basileia (Campinas, SP)



Figura 2. Capa da nona edição do livro *A alegria da casa* (1916), de Sarah Kalley. Fonte: Arquivo documental da Fundação Basileia (Campinas, SP)

Esses impressos eram produzidos tanto por editoras comerciais, quanto pela editora presbiteriana estabelecida em Portugal (Livraria Evangélica) sobre a qual falaremos a seguir. Entre alguns títulos observados, encontram-se *Os deístas e a verdade das Escrituras* (1893); *O Novo Testamento do Senhor e Salvador Jesus Cristo* (1858); *Observações à instrução pastoral do excmo bispo do Porto sobre o protestantismo*, R. R. Kalley (1879).

Com sede na célebre rua das Janelas Verdes, em Lisboa, a Livraria Evangélica³ era uma agência da Sociedade de Tratados Religiosos,⁴ que iniciou suas atividades ainda no século XIX e, em 1913, separou-se da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira – estabelecida em Portugal desde 1864. À Sociedade Bíblica coube, então, prosseguir a difusão da Bíblia, testamentos e porções bíblicas, através da intensificação do trabalho de colportagem; à Livraria, por sua vez, incidir na vertente editorial o que aconteceu até o ano de 1935. Em poucos anos de atividade, já contabilizava 40 títulos publicados, em 1878, entre os quais, folhetos evangélicos (doutrinário e de controvérsia), novelas históricas, além de alguns livros que foram, primeiramente, publicados à moda de folhetins nos jornais confessionais (AFONSO et al., 2012, p. 599) – o que vem a comprovar o constante intercâmbio de escritos, fator característico da cultura impressa oitocentista.

A Livraria não apenas editava e fazia imprimir os impressos evangélicos, como também servia de posto para venda de material protestante produzido por outras tipografias da região. É o caso da obra *Uma exposição de fatos* (1875), escrita por Robert R. Kalley e impressa pela Tipografia Luso-britannica de H. T. Wood, em que consta na capa o endereço “Rua das Janellas Verdes, 28”.

³ “Rua das janelas Verdes, n. 32” indica o local onde os presbiterianos instalaram sua tipografia em Lisboa (Livraria Evangélica). O edifício era um antigo e extinto convento Carmelita, conhecido por Marianos, sendo posteriormente arrematado pelo escocês Rev. R. Stewart (FERREIRA, 1992, p. 103).

⁴ Com o crescimento da população evangélica, o surgimento de pequenas congregações em cidades interioranas e a escassez de pastores surge – por meio da iniciativa do reverendo presbiteriano Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) – a ideia de “criação de uma sociedade, integrada por pastores e fiéis de todas as igrejas, com o objetivo de editar panfletos evangélicos” (RIBEIRO, 1987, p. 35). Seria o primeiro passo rumo à conquista de certa autonomia editorial da cultura impressa evangélica que era, até então, controlada por autores, tradutores e editores estrangeiros. Em 1883, com apoio financeiro de membros das igrejas presbiterianas foi estabelecida a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos (SBTE), que publicou uma série de folhetos nas duas últimas décadas do Dezenove dos quais “mais de 90 mil exemplares foram editados e distribuídos” (MENDONÇA, 1995, p. 87).

A seção “Anúncios” na página 167 do jornal *Imprensa Evangélica*, datado de 20 de outubro de 1877,⁵ faz menção ao periódico *Amigo da infância* como uma publicação destinada ao “recreio e instrução da mocidade” indicando como escritório da redação “28, Rua direita das Janellas Verdes, Lisboa”. Encontramos ainda o título *André Dun* (1878), aos moldes de uma narrativa ficcional e exemplar, editado na Tipografia dos Marianos, R. das Janellas Verdes. A exemplo desses, uma gama de impressos verificados nos centros de documentação evangélica foram remetidos pela Livraria Evangélica, situada em Lisboa, mais propriamente na “Rua das Janelas Verdes”.

Entre os autores de impressos protestantes no Brasil oitocentista, destaca-se o casal proveniente do Reino Unido Robert R. Kalley e Sarah P. Kalley. Conhecedores da língua portuguesa pelo tempo em que residiram na Ilha da Madeira, os Kalley solicitavam remessas de impressos do exterior, bem como os faziam publicar para serem distribuídos no país. Por volta de 1856, por exemplo, mandaram vir cerca de 800 exemplares de folheto intitulado *Divina autoridade*. Nesse mesmo tempo, de acordo com as *Lembranças* de Rocha (1941, p. 52), o Dr. Kalley preparou e imprimiu um folheto denominado *A cobra de bronze* ou *O remedio efficaz para os doentes mais desesperados*. Além disso, reformulou o tratado *O que é a Bíblia?*.

O relatório encontrado no *Esboço histórico da escola dominical* (LUZ, 1932, p. 55) prossegue mostrando que os Kalley, após viagem em princípios de 1857, permaneceram por algum tempo na Inglaterra, mas mantinham constante contato com as lideranças religiosas e com os fiéis deixados no Brasil por meio de cartas. Aproveitando sua estada em Londres, o Dr. Kalley começou a providenciar remessas de bíblias e livros religiosos, inclusive os *Psalms e hymnos* (1861), hinário escrito por Sarah Kalley. De Londres foram remetidos ao Rio de Janeiro “além de muitas bíblias, 850 exemplares da *Viagem do Christão*; 1700, do folheto *Três perguntas sobre a Bíblia*; uma quantidade de cartilhas, *Henriquinhos* e outras publicações [...]” (LUZ, 1932, p. 55). Os *Henriquinhos* eram livros compostos por contos morais destinados à formação da criança que circulavam na Europa, inclusive em Portugal.

Por sua vez, Sarah Kalley, contrariando os padrões ingleses para as mulheres no século XIX, abriu as possibilidades ao elemento feminino englobando a autoria,

⁵ IMPRENSA EVANGÉLICA, ano XIII, n. 21, p. 167, 20 out. 1877.
RCL | *Convergência Lusíada* n. 32, julho - dezembro de 2014

tradução, publicação, distribuição e circulação de livros. Sarah Kalley foi autora dos *Salmos e hinos*, hinário protestante ainda em uso por algumas denominações evangélicas, e do livro *Alegria da casa* (1916). Publicado inicialmente no Brasil em 1866, mas, posteriormente também em Portugal, o livro ocupa um lugar de destaque entre as produções literárias protestantes em circulação no Brasil a partir da segunda metade do Oitocentos. Vale salientar, que as obras evangélicas de autoria feminina já eram uma realidade desde o princípio do Dezenove a julgar por pesquisas anteriores.

A *Alegria da casa* pode ser comparado a um manual de civilidade que busca elucidar tessituras do cotidiano das mulheres em dez capítulos os quais, por sua vez, abordam o cuidado com a casa e sua higienização, o cuidado com os filhos, aspectos da relação conjugal e aspectos da vida devocional. No século XIX, as regras de civilidade são apresentadas com um duplo objetivo: “preservar a importância dos velhos gestos” e, ao mesmo tempo, “preparar os indivíduos para as novas condições sociais, políticas e econômicas características de uma época pós Revolução Francesa” (PILLA, 2003, p. 7). Além disso, muito da sociedade brasileira e seus costumes em meados desse século são apresentados pelo olhar de uma europeia, o que transforma o livro numa importante fonte documental.

A produção literária dos Kalley é tomada, por hora, como exemplo de uma gama de impressos que se mantiveram em circulação ativa no eixo Brasil Portugal, originando um intercâmbio de textos religiosos, bem como uma visível atividade editorial que procurava unir as práticas culturais em ambos os países, mais especificamente, a prática leitora protestante.

A partir dos conceitos de Michel de Certeau (1994), entendendo “as táticas” como ações desviacionistas que geram efeitos imprevisíveis, originando, por sua vez, diferentes “maneiras de fazer”, pudemos ainda observar o modo como os protestantes romperam com suas próprias limitações editoriais, no sentido de apropriarem-se dos modos laicos de fazer imprensa. É o que acontece, por exemplo, com o então recente gênero *romance*, que foi adaptado pelos agentes editoriais evangélicos para servir como meio de divulgação dos preceitos doutrinários, dos discursos bíblicos e dos ideais cristãos de ascese e fraternidade.

Nesse sentido, entendemos possuir a Literatura Protestante um caráter utilitário. A preocupação maior não era, ao menos primordialmente, com o valor

estilístico dos textos, mas com a capacidade desses em promulgar as virtudes evangélicas.

É interessante, pois, perceber, que muitos dos materiais impressos encontrados hoje no meio evangélico não são uma invenção “contemporânea” (conforme dão a entender seus anúncios), mas já circulavam no século XIX, como, por exemplo, as bíblias de estudo direcionadas a faixas etárias específicas, os manuais de culto doméstico, os periódicos destinados ao ensino nas escolas bíblicas etc. Muito desse conjunto textual remonta a séculos anteriores. É, porém, o Oitocentos que se reveste de importância para a ampliação e divulgação de uma cultura impressa religiosa considerando o crescimento do mercado editorial, o intercâmbio entre o velho e o novo mundo e o amplo número de tipografias que passaram a se estabelecer no Brasil desse tempo. Isso permitiu a propagação de impressos de toda ordem, que promoveram mentalidades e construíram em torno de si comunidades de leitores que deles se apropriavam atribuindo-lhes sentidos diversos. No caso dos protestantes, verificamos que o impresso era o principal meio de propaganda doutrinária, um elo que mantinha os membros informados, concedendo-lhes certo senso de pertença à comunidade da fé; era ainda a tribuna por meio da qual se encontravam os espaços necessários para discussão e defesa dos ideais evangélicos.

Desse modo, procuramos ratificar a importância da cultura impressa protestante e de seus objetos para a formação da história da leitura do Brasil, rompendo, de certo modo, com o caráter meramente descritivo e confessional que norteou a tradição historiográfica evangélica. Para isso, compreendemos, de conformidade com Roger Chartier (2009, p. 21), que a identificação dos efeitos estéticos e dos significados (nem sempre previstos) produzidos por meio das formas textuais é fundamental para historicizar as múltiplas formas de recepção e apropriação dos textos.

Referências

- AFONSO, José António et al. Educação e cultura protestante na transição do século XIX: circulação de impressos e diálogos luso-brasileiros. *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 599-618, set/dez. 2012.
- AL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- André Dun*. Lisboa: Tipografia dos Marianos, 1878.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

- FERREIRA, Júlio A. *A história da Igreja presbiteriana no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. v. 1.
- FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo: Global, 2008.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed.. São Paulo: Editora da USP, 2005.
- KALLEY, Robert R. *Observações à instrução pastoral do excmo. bispo do Porto sobre o protestantismo*. Porto: Imprensa Civilização de Santos & Lemos, 1879.
- _____. *Uma exposição de fatos*. Rua das Janelas Verdes (Lisboa): Tipografia Luso-britannica de H. T. Wood, 1875.
- KALLEY, Sarah P. *A alegria da casa ou raios de luz: sobre a vida familiar*. Lisboa: Livraria Evangélica, 1916.
- _____. *Psalmos e hymnus: para o uso daqueles que amam o nosso Senhor Jesus Christo*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1861.
- LUZ, Fortunato G. da. *Esboço histórico da escola bíblica dominical da Igreja Evangélica Fluminense*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1932.
- MENDONÇA, Antonio G. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- NASCIMENTO, Ester F. V. C. *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical*. Maceió: Edufal, 2007.
- Os deístas e a verdade das Escrituras*. Lisboa: Tipografia do Dicionário Universal Portuguez, 1893.
- O Novo Testamento do Senhor e Salvador Jesus Cristo*. Nova Iorque: Sociedade Americana da Bíblia, 1858.
- PILLA, Maria Cecília B. A. *Manuais de Civilidade, modelos de civilização*. Disponível em: <http://www.academia.edu/7646310/Manuais_de_civilidade_modelos_de_civiliza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso: 30 nov. 2013.
- RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja Presbiteriana no Brasil: da autonomia ao cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987.
- ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941. v. 1.
- SÉGUR, M. L. G. *Conversações familiares acerca do protestantismo actual*. Lisboa: Typografia de G. M. Martins, 1864.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Minicurrículo

Karla Janaina Costa Cruz é doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do projeto de pesquisa “O jornal *Imprensa Evangélica* e as origens do sistema literário protestante no século XIX” (Mackenzie, SP/CNPq).